

GAZETA LITERARIA.

Julho de 1761.

INGLATERRA.

Philosophical Transactions, giving some Account of the present undertakings, studies, and labours of the Ingenious in many considerable Parts of the World.

Isto he

Transacçoens Filosoficas da Sociedade real de Londres, em que se dá noticia dos presentes estudos, e trabalhos literarios em muitas partes do mundo. Vol. 51. part. 1. para o anno de 1759. em 4. Londres: em Davis e Reymers.

AS primeiras memorias, que por este methodo se publicã-
rao na Europa, foraõ as Transacçoens Filosoficas da Soci-
edade real de Londres, a quem o mundo deve hum gran-
de numero de descobrimentos sobre a Geometria, Arime-
tica, Algebra, Logarithmotechnia, Trigonometria, Optica, Astro-
nomia, Mecanica, Hydrostatica, Hydraulica, Navegaçãõ, Arquitetu-
ra, Civil, Naval e Militar, Perspectiva, Pintura, Musica, Historia na-
tural, Agricultura, e em fim sobre todas as sciencias, e artes utis; mas
o methodo, e ordem, com que estaõ dispostas as materias nesta util
collecçãõ, he taõ confuso, que merece com alguma razaõ a critica,
que se lhe tem feito; o que seria de outra sorte, se as dispozessem por
huma forma mais agradavel, comprehensivel, e compendioza. Para
dãr alguma idêa destas memorias extrahiremos dellas alguns artigos
mais interessantes, que podem servir de gosto, e de utilidade aos Por-
tuguezes: mas antes disto naõ será inutil dãr alguma noticia desta
Sociedade, de cujos estudos teremos occasiaõ de fallar mais vezes
nesta Gazeta literaria.

A Sociedade real de Londres foi fundada por Carlos segundo
no mez de Abril de 1663., e ao mesmo tempo se declarou este So-

berano seu Patrono, e Academico. Foi o seu fim adiantar o conhecimento das cousas naturaes, a das artes utis por experiencias, e nesta conformidade tem esta Sociedade feito successivamente hum grande numero de descobrimentos na natureza, muitos dos quaes sendo a principio só para satisfação dos curiosos, vieraõ a ser pelo tempo utis para o progresso das sciencias. Não he esta Sociedade, como outras, que receiaõ approvar tudo, o que não he feito pelos membros do seu corpo; pois os homens de letras, que se applicaõ aos mesmos estudos, e imaginaõ novos inventos achaõ, quando merecem, a approvaçãõ das suas fadigas literarias, offerecendo-as ao exame, e juizo destes Academicos.

Compoem-se esta Sociedade de quasi duzentos membros, a maior parte Inglezes, e os outros Estrangeiros: nella se achaõ pessoas da mais alta qualidade, e outros, que são simples Cavalheiros de merecimento, ou homens de talento, que amaõ o estudo da Filosofia. Todas as quartas feiras pelas tres horas depois do meio dia se ajuntãõ no Collegio de Gresham, onde se occupaõ a discorrer, e fallar sobre as producções, e preciosidades da natureza, e da arte, examinando o uso, que dellas se pode tirar para utilidade do publico. Lem-se tambem cartas, e outros escriptos, que a Sociedade recebe frequentemente dos Paizes Estrangeiros, e discorrem sem affectar discursõs estudados, exprimem-se em poucas palavras, e pelo modo mais claro, e poem de parte toda a distincão de qualidade, ou de lugar, applicando-se todõs familiarmente em fazer progressos, descobrimentos, e experiencias nas sciencias utis.

Para este fim vaõ formando huma excellente Bibliotheca, que deve ser composta sómente dos melhores livros de Filosofia, e principalmente daquelles, que convem mais aos fins, e projectos desta Sociedade. Tem tambem huma camera cheia de hum grande numero de curiosidades naturaes, como animaes, aves, peixes, serpentes, conchas, plumas, momias, gomas, mineraes, cousas petrificadas, ou ossificadas &c. ainda que há outros gabinetes em Londres com maior variedade.

He governada esta Sociedade por hum Concelho composto de vinte e hum membros, e dez dos quaes sahem todõs os annos, e occupaõ seus lugares outros dez, cuja eleiçãõ se faz em trinta de Novembro de manhan dia de Santo André. O principal do Concelho tem o titulo de Presidente, cuja obrigaçãõ he convocar o congresso,

fo, propor nelle as materias, que se devem tratar, fazer as questoes, e admitir os Membros, que querem ser-eleitos. Para ser admittido nesta Sociedade propoem-se o pertendente em hum congresso feito por alguns dos membros, e na proxima fessão deve ter ao menos vinte e hum votos, e logo he introduzido, como membro pelo Presidente, assignando, e obrigando-se a fazer todo o possivel para bem da Sociedade real de Londres, e a trabalhar para o seu adiantamento no estudo das cousas naturaes. O que paga na sua entrada reduzida á nossa moeda chega a 7200. reis, e dahi por diante quasi meia moeda de 2400. reis por quartel em todo o tempo que he membro da Sociedade.

Tem tambem hum Thesoureiro para receber, e despender o dinheiro necessario, dous Secretarios para ler todas as cartas, e informaçoes, e para fazer as respostas, para resistir todas as experiencias, e operaçoes certas, e para publicar tudo, o que a Sociedade julga conveniente publicar. Em fim tem esta homens destinados a fazer experiencias, os quaes recebem as ordens da Sociedade, e fazem as provas no seguinte congresso; depois de que dá a Sociedade o seu parecer, e juizo. Passemos agora a alguns artigos das suas Transacções de 1759.

Art. 10. Noticia de huma especie particular de casulo, ou capa de bicho da seda da America. Por Samuel Pulletin, M. A.

Como todos os descobrimentos, que se fazem, ou projectos, que se dirigem para utilidade do publico, se devem propagar, e fazer conhecer, quanto for possivel, parece justo pôr aqui tudo, o que contem o seguinte breve papel nas mesmas palavras do Author.

Tendo visto há pouco tempo a *Aurelia* de huma especie particular de lagarta, julguei pela sua textura, e consistencia, que se podia tirar della alguma sêda não inferior á do commum bicho da sêda na sua qualidade, e muito superior na sua quantidade. Tenho feito alguns experimentos sobre esta nova especie de casulo, e capa de sêda, que confirmaõ esta opiniaõ.

Esta capa, ou casulo he quasi tres polegadas e hum quarto de comprido, e mais de huma polegada de diametro; a forma exterior não he huma oval taõ regular, como a do bicho da sêda commum, a sua consistencia alguma cousa semelhante á de huma bexiga

A lagarta, que produz este casulo, he natural da America, foi achado na Pennsilvania: o casulo estava pegado no pequeno ramo de huma arvore, que parecia ser Alba espina, ou especie da Nespereira.

A folha da arvore tinha tambem ajudado a sustentar o casulo pelo signal das riscas, que se viaõ na superficie delle.

Naõ me parece, que será difficuloso achar a lagarta, ou a arvore, em que se sustenta, ou tirar, e dobrar a quantidade de sêda, que depois de tecida mostrará melhor, se he do mesmo valor, que digo. Porque comparando-a com o casulo do bicho da sêda bravo da China, do qual se faz huma excellente especie de sêda, naõ tenho duvida, que ella seja da mesma especie; e estimaria infinito poder por esta Memoria induzir o Póvo da America a fazer sobre isto as experiencias necessarias.

Art. 19. Noticia de huma nova alteraçõ de cõr em huma negra. Em huma carta de Jacob Bate Cirurgião de Maryland.

Esta he huma relaçaõ singular da mudança de huma mulher preta em branca. Era ella nacional de Virginia, e continuou preta até a idade de vinte e cinco annos, sendo notavelmente preta, fãdia, e de hũa constituição forte, e robusta. Tem agora quarenta annos e pelo espaço de quinze annos passados tem-se feito gradualmente branca. No seu estado presente quatro partes em cinco da sua pelle são brancas, lizas, e transparentes, assim como huma bella Europea, mostrando elegantemente a ramificação dos vasos de sangue subjacentes; as partes que ainda estão pretas, perdem diariamente a sua negrura, e participaõ de alguma forte da presente cõr, de forte, que bem poucos annos bastaráõ a fazer com toda a probabilidade huma total mudança.

Art. 20. Noticia de hum paciente paralitico curado por huma applicaçõ electrica. Em huma carta do Dr. Himsel em Riga ao Dr. Castro.

Diz esta carta, que hum mancebo de vinte annos, que da idade de cinco tinha perdido o uso de seu braço por huma paralisia, electrizou-se no anno de 1752. com tanta felicidade, que depois da operaçaõ naõ só podia levantar o pezo de quarenta libras,

feca, quando não está inteiramente chêa de vento, a sua côr he hum escuro avermelhado, e todo o seu pezo de vinte e hum grãos.

Quando cortei este tegumento exterior, appareceo dentro huma capa completamente oval, como a do bicho da sêda. Estava coberta com alguma penugem, pela qual estava unida a outra capa da mesma côr. O seu comprimento era de duas polegadas, o diametro de huma, e o pezo de nove grãos.

O casulo não podia desenrolar-se facilmente, porque estava furado pelo bicho; mas pondo-o em agua quente, tirou-se, a q̄ foi sufficiente para formar juizo da força, e da qualidade da sua sêda.

O fio tirou-se do casulo da mesma sorte, que o do bicho da sêda commum, parecendo em tudo tão fina, e dura, como a deste. Dobrei este fio de sorte, que tivesse vinte fios de grossura, e o fio composto era tão lizo, tão elastico, e tão lustroso, como o do bicho da sêda commum. Quiz vêr, que pezo sustentaria, e achei depois de diversas experiencias, que sustentava quinze onças e meia, e quebrava com pouco menos de dezaseis. Fiz depois experiencia com hum fio do commum bicho da sêda, que era tambem composto de vinte, e na grossura excedia o outro, e quebrava-se sempre com quinze onças.

Fervi huma parte do casulo em agua por espaço de quatro horas para saber, se era composto de huma goma alguma coufa mucilaginoso, e achei, que era tão indissolovel, como a do bicho da sêda commum. O casulo deste com toda a sua penugem péza usualmente não mais, que tres grãos; e aqui temos hum, que peza sette vezes mais. Se a capa exterior, que pezava doze grãos, fosse usada sômente como a penugem, ainda restaõ nove grãos capazes de ser dobados, que he mais de tres vezes, do que, o que se pode dobar do casulo commum. Mas eu sou de opiniaõ, que quando o casulo he novo, e ainda não está indurecido pela idade, toda a capa exterior se pode tirar, e dobar; porque aquelle, em que eu fiz estas experiencias, tinha sette annos de idade.

Depois de alguns exames tenho achado, que o bicho deste casulo he chamado o *Isinglass*, ou Talco por Marian. He hum bicho de cinco polegadas de huma ponta da aza á outra estando estendidas. Differe do bicho da sêda em ter hum ferraõ, ou tromba, que indica sustentar-se no seu estado de borboleta ao mesmo tempo, que o bicho da sêda nunca come, estando já borboleta.

A lagarta, que produz este casulo, he natural da America, foi achado na Pennsilvania: o casulo estava pegado no pequeno ramo de huma arvore, que parecia ser Alba espina, ou especie da Nespereira.

A folha da arvore tinha tambem ajudado a sustentar o casulo pelo signal das riscas, que se viaõ na superficie delle.

Naõ me parece, que serã difficuloso achar a lagarta, ou a arvore, em que se sustenta, ou tirar, e dobrar a quantidade de fêda, que depois de tecida mostrarã melhor, se he do mesmo valor, que digo. Porque comparando-a com o casulo do bicho da fêda bravo da China, do qual se faz huma excellente especie de fêda, naõ tenho duvida, que ella seja da mesma especie; e estimaria infinito poder por esta Memoria induzir o Póvo da America a fazer sobre isto as experiencias necessarias.

Art. 19. Noticia de huma nova alteraçã de cõr em huma negra. Em huma carta de Jacob Bate Cirurgião de Maryland.

Esta he huma relaçaõ singular da mudança de huma mulher preta em branca. Era ella nacional de Virginia, e continuou preta até a idade de vinte e cinco annos, sendo notavelmente preta, fãdia, e de hũa constituiçaõ forte, e robusta. Tem agora quarenta annos e pelo espaço de quinze annos passados tem-se feito gradualmente branca. No seu estado presente quatro partes em cinco da sua pèlle saõ brancas, lizas, e transparentes, affim como huma bella Europea, mostrando elegantemente a ramificaçaõ dos vasos de fangue subjacentes; as partes que ainda estaõ pretas, perdem diariamente a sua negrura, e participaõ de alguma forte da presente cõr, de forte, que bem poucos annos bastarãõ a fazer com toda a probabilidade huma total mudança.

Art. 20. Noticia de hum paciente paralitico curado por huma applicaçã electrica. Em huma carta do Dr. Himfel em Riga ao Dr. Castro.

Diz esta carta, que hum mancebo de vinte annos, que da idade de cinco tinha perdido o uso de seu braço por huma parlesia, electrizou-se no anno de 1752. com tanta felicidade, que depois da operaçaõ naõ só podia levantar o pezo de quarenta libras,

mas tambem escrever com hum lapis o seu nome , que era André Mauve , com a mesma maõ , que não podéra mover por espaço de quinze annos.

Bem se pôde perguntar ao Dr. Himfel, se André Mauve aprendeu a escrever antes de aleijado, ou depois de curado; ou se aquelles Mestres que ensinam a escrever os Cavalheiros , e Senhores em poucas horas, não instruem os seus discipulos electrizando-os ?

Art. 24. Noticia de algumas experiencias relativas ao transporte das sementes. Por João Ellis.

Deste papel só extrahimos o methodo do Dr. Linneo , assim como o communicou a Ellis.

As sementes podem-se trazer de fora em hum estado perfeito, se observarmos o seguinte methodo. Ponhaõ-se as sementes em huma garrafa de vidro cylindrica , e enchaõ-se os intersticios com arêa seca para evitar o estarem mui apertadas , e para que possaõ respirar livremente pelo meio da arêa, tape-se depois a garrafa , ou ate-se huma bexiga sobre aboca della. Prepare-se hum vaso de vidro mais largo, do que, o que tem dentro as sementes, para que quando se suspender nelle possa haver hum espaço vazio por todos os lados de quasi duas polegadas de distancia entre ambos os vidros para a seguinte mistura ; quatro partes de nitro , e hũa quinta parte de partes iguaes de sal commû , e de sal ammoniaco; estes devem ser bem moídos , e misturados hum com outro , e todos os espaços á roda entre os dous vidros exterior e interior bem cheios com esta mistura.

Esta massa salina, que deve estar antes humida, do que seca, estará sempre tão fria , que as sementes do vidro interior não soffrerão cousa alguma, nem terãõ o menor perigo pelo calor do ar, durante o seu transporte de hum Paiz para outro. Esta experiencia tem-se feito diversas vezes , e não tem falhado até agora.

Art. 36. Novas experiencias , e observaçoens sobre a Electricidade por Robereo Symmer da Sociedade real.

Este artigo consiste de quatro papeis : o primeiro a respeito da Electricidade do corpo humano , e substancias animaes sêda, e lan. O segundo trata da Electricidade de sêda preta , e branca ; o terceiro

ro da cohesam electrica : e na quarta faz o Author hum tratado , ou ensaio para a theoria da electricidade, cujas operações julga elle, dependem não de hum simples poder positivo conforme a opiniaõ geralmente recebida, mas sobre dous poderes distinctos, positivos, e activos , os quaes contrastando-se , e abem de dizer , oppondo-se hum ao outro , produzem os varios Fenomenos da Electricidade. Os experimentos , que Roberto Symmer communica nestes papeis á Sociedade , saõ ao mesmo tempo taõ simples , e curiosos , que não podemos deixar de fazer mençaõ de hum , ou dous dos mais notavaeis.

Tendo observado , assim como outros tem observado antes, que quando se descalçaõ as meias de noite , ellas faziaõ frequentemente cahindo no chaõ hum som quasi metalico , e na escuridade lançavaõ algumas faiscas de fogo , principiou Roberto Symmer a fazer experimentos em varios generos de meias ou de linha, algodão, sêda, ou laia; como tambem em diferentes circumstancias, trazidas , v.g. singelas , dobradas &c. pareceo , que a resulta de todos estes experimentos provavaõ , que era necessaria huma combinaçaõ de sêda , e laia para a produçaõ da Electricidade. Persuadido disto continuou com as suas experiencias até fazer a seguinte , que he bem singular , e que aqui daremos na suas mesmas palavras.

Eu andava de lucto naquelle tempo , de sorte , que as minhas meias de sêda eraõ pretas , e debaixo dellas trazia sempre meias de laia brancas finas. Quasi no fim de Maio larguei o lucto , e por consequencia mudei a côr das meias. No segundo de Dezembro, tendo calçado hum par de meias de sêda brancas sobre as de laia, depois de as trazer algumas horas resolvi-me adivertir-me com algumas experiencias. Estava o tempo favoravel , e tinha eu razãõ de esperar huma bella apparencia de Electricidade : mas descalçando as meias , e pondo-as de parte , achei com grande admiraçaõ minha , que não descobriaõ signal algum de poder electrico ; tendo-as juntas nas minhas mãos penduradas , não attrahiraõ huma á outra , assim como antes de as calçar. Repeti a experiencia duas, ou tres vezes, mas não com melhor successo , o que me embarçou bastantemente ; porque via , que já não havia de attribuir á Electricidade a combinaçaõ da sêda , e laia , nem sabia , a que cousa a havia de attribuir. Por fim considerando as circumstancias destas, e de outras experiencias , occorreu-me a conjectura , de que esta Electricidade podia de-

depende da natureza das diferentes cores. Em ordem a determinar isto, pareceu-me bem fazer a prova nas mesmas substancias; e para isto recorri á presente experiencia.

Tomei hum par de meias de sêda brancas, e depois de as aquentar ao fogo calcei ambas na mesma perna. Depois de as trazer quasi dez minutos descalcei-as, e pulas de parte, mas em nenhuma descobri signaes de Electricidade: fiz o mesmo com hum par de sêda preta, mas sem effeito. Fui logo á prova decisiva. Calcei huma meia preta, e outra branca na mesma perna, e tive-as calçadas outros dez minutos. Esperava com alguma impaciencia ver o successo da minha experiencia, em recompensa tive a satisfação de observar, quando as puz de parte, que cada huma dellas tinha adquirido hum grau de Electricidade mais forte, do que até ali tinha visto: inchárao-se tanto, que cada huma dellas mostrava a forma inteira da perna, e na distancia de hum pé e meio corrêrao a ajuntar-se húa com a outra. Continuei a mesma experiencia com meias de laia, e achei, assim como nas de sêda, que só a combinação de branco, e preto produzia Electricidade. Como eu já tinha experimentado muitas vezes o poder da Electricidade na combinação de meias de sêda preta com meias de laia brancas, só restava experimentar a das meias de sêda brancas com as de laia pretas, que se effeituou, como eu esperava, e parecêrao completar ademonstração.

Roberto Symmer observa alem disto, que das meias de sêda brancas, e pretas, as brancas são sempre electrizadas positivamente, e as pretas negativamente. Diz-nos tambem, que elle carregou hum pequeno vidro, ou phiola cheia de azougue com a Electricidade de quatro meias tão fortemente, que elle pela explosão accendeo espiritos de vinho, e sentio o toque, ou pancada desde os hombros até o peito.

As experiencias deste Cavalheiro a respeito da cohesam das meias electrizadas são tambem novas, e curiosas; mas não pôde haver aqui mais lugar para este artigo.

Art. 38. Modo de dar razão da regular variação da cada dia da Agulha Magnetica horizontal, e tambem da sua irregular variação no tempo de huma Aurora Boreal. Por João Canton da Sociedade real.

Tem observado este Academico, que avariação diurna da Agulha he pela maior parte regular; ao menos pelas observaçoens de 603. dias achou, que o era em 574. delles. Isto he, achou, que a absoluta variação da Agulha para a parte do Oeste se augmentava desde as oito, ou nove da manhan até a huma, ou duas da tarde, e depois parava por algum tempo; depois do que se diminuia aquella variação, e retrocedia a Agulha outra vez para a sua primeira situação de noite, ou na manhan seguinte. Avariação diurna he irregular, quando a Agulha se move vagarosamente para a parte do Este no fim da manhan, ou para a parte do Oeste no fim da tarde: tambem quando se move muito para hũ dos lados de noite, ou repentinamente de ambos os lados em breve tempo. Estas irregularidades succedem raras vezes, e são sempre acompanhadas de hũa Aurora Boreal. Para dar razão destas variaçoens nota este Academico (princiando com a regular) que o poder attractivo do Iman se diminue, quando o Iman está quente, e augmenta-se, estando frio. Prova elle isto tambem por experiencia; depois de que dá a seguinte razão deste Fenomeno.

He evidente, que as partes Magneticas da terra no lado do Norte da parte do Este, e as partes Magneticas da terra da parte do Oeste do meridiano magnetico igualmente attrahem a extremidade do Norte da Agulha. Assim se as partes magneticas do Este aquecem mais de pressa pelo Sol de manhan, do que as do Oeste, a Agulha se moverá para a parte do Oeste, e avariação absoluta se augmentará; quando as partes attractivas da terra em cada lado do meridiano magnetico tiverem o seu calor, que augmente igualmente, parará a Agulha, e então será maior avariação absoluta; mas quando as partes magneticas do Oeste aquecêrem mais de pressa, ou arrefecerem mais de vagar, do que as do Este, a Agulha se moverá para a parte do Este, ou avariação absoluta se diminuirá; e quando as partes magneticas do Oeste, e Este arrefecerem igualmente de pressa, parará outra vez a Agulha, e avariação absoluta será menor.

Como avariação irregular deve nascer de outra causa differente da do calor communicado pelo Sol, a attribue este Academico ao calor subterraneo, que se gera sem regularidade, em quanto ao tempo; e que quando succeder no Norte, affectará o poder attractivo das partes magneticas da terra na extremidade septentrional da Agulha: alem disto a Aurora Boreal, que succede no tempo, em que

que a Agulha se desordena pelo calor da terra, suppoem-se aqui ser a Electricidade do ar, que se aquece em cima della.

An Essay upon the present State of the Theatre in France, England, and Italy &c. ou *Ensayo sobre a Poesia Dramatica em geral, e sobre os caracteres dos principaes Authores, e Actores destas tres naçoens. Obra absolutamente necessaria aos curiosos das representaçoes theatraes. Em 12. Londres. Em Pottinger. 1760.*

A Poesia Dramatica não parece ser hoje bem entendida conforme a opiniaõ deste Author, pela qual razaõ principia a sua obra com observaçoens sobre as circumstancias, que fazem as representaçoens interessantes ao espectadores, e sobre as paixoens, que nellas se tocaõ com mais bom successo; dando a preferencia assim na tragedia, como na comedia á paixãõ de amor, pois nenhuma outra a seu parecer pôde ser tão agradável no Theatro.

Profegue logo a estabelecer regras para a disposiçaõ do Drama fundadas mais nos principios fundamentaes da razaõ, e no consummado conhecimento da arte de mover as paixoens, do que tomadas dos ditames dos antigos.

As regras, que elle quer, que se observem nos caracteres de Theatro, na construcçaõ da fabula, e na unidade, e simplicidade do Drama são judiciosas. Da mesma forte trata tambem da diversidade dos caracteres, e da acçaõ, e do methodo de contrastar os primeiros, e dos artificios da ultima, mostrando o grande conhecimento, que tem de todas aquellas artes assim de Poeta, como de Actor, que são necessarias para realçar o prazer, e divertimento de hum auditorio polido. Não se segue daqui, que este Escriptor supponha, que o méro conhecimento das melhores regras podem constituir, ou fazer hum Poeta, ou hum comediante; antes parece, que julga o contrario, ainda que lhe parece, que podem ser de uso para guiar os homens de hum temperamento pacato, e filosofico á origem do
fu-

sublime, e do bello, e fazer, com que cheguem á quella perfeição, a que nunca chegariaõ, auxiliados só pela força do seu genio natural.

Com este fim entra a examinar a origem, e causa do nosso prazer, e divertimento cujas observaçoens mostraõ não menos conhecimento da arte, de que trata, do que das operaçoens das paixoens no entendimento humano. Assim he justo dar aos leitores hũa mostra do modo, com que o Author trata esta agradavel materia.

„ Todos sabem, que os antigos nos deixáraõ entre outras des-
 „ necessarias restricçoens sobre o Drama as unidades principaes de
 „ tempo, e lugar, a cuja observação quizeraõ alguns criticos, que os
 „ nossos Escriptores Inglezes estivessem estreitamente amarrados,
 „ tendo-as por sagradas, e inviolaveis. Pelo credito destes criticos
 „ he, que todos os leitores, que costumaõ vêr representaçoens, es-
 „ péraõ, que o Poeta cumpra com as ditas unidades, como se estas
 „ se fundassem na natureza, e ainda fossem essenciaes á perfeição do
 „ Drama. O nosso Author discorre por outro modo, e insiste, em
 „ que pela natureza do Drama antigo estavaõ os seus escriptores
 „ debaixo da necessidade de observar aquellas unidades, aqual já
 „ não existe nos modernos: de forte, que he claro o absurdo de nos
 „ sujeitar implicitamente a similhantes restricçoens, quando já não
 „ existe a necessidade, que as fez nascer. As unidades de tempo, e
 „ lugar, diz elle, procedêraõ do coro, que era o primeiro movel da
 „ tragedia antiga, o fundamento de toda a economia do Poema, e
 „ abase de todas as suas regras. Deste modo define elle o coro tal,
 „ qual era no tempo de Sophocles, e Euripedes, quando a tragedia
 „ chegou á maior perfeição entre os Gregos.

„ O Coro he hum corpo de Authores, que representaõ o ajun-
 „ tamento da quelles, que se tinhaõ encontrado, ou que provavel-
 „ mente se podiaõ ter encontrado no lugar, em que se suppoem suc-
 „ ceder á acção representada no Theatro. Estas palavras saõ de con-
 „ sequencia, e ninguem se deve adiantar a ellas sem as ter conheci-
 „ do perfectamente, nem pertender condemnalas sem ter examina-
 „ do inteiramente os antigos Poetas tragicos: pois ver-se-há evi-
 „ dentemente, que na Hecuba de Euripedes he o coro composto
 „ de escravos Troianos, porque he mais provavel, que estas pesso-
 „ as mais do que outras quaesquer estivessem presentes na porta da
 „ casa de Hecuba sua Rainha, que entaõ estava captiva com elles.
 „ Na Antigone de Sophocles he composto dos velhos de Thebas.

„ porque tendo sido chamados a conselho por Creon, só elles devi-
 „ aõ racionavelmente suppor-se juntos diante do Palacio do Rei.
 „ No Ajax saõ os marinheiros de Salamis, que se ajuntaõ com razãõ
 „ diante da barraca do seu Principe, ouvindo dizer, que estava lou-
 „ co em ordem a fazer-lhe os serviços, que estivessem na sua possi-
 „ bilidade. No Prometheo de Eschylo as Ninfas do mar fazem o
 „ coro, porque naõ era verosimil, que outras pessoas estivessem per-
 „ to daquelle infeliz, atado a hum rochedo, e longe do commercio
 „ dos homens. Finalmente nos sette Principaes diante de Thebas
 „ consiste de donzellas da Cidade, porque era mais natural ajunta-
 „ las diante do Palacio, e fazelas lamentar as desgraças occasionadas
 „ pela guerra, do que representar na mesma situaçaõ homens neces-
 „ sarios á defenõsa da patria.

Depois de outras algumas observaçoens, que naõ saõ tanto ao
nosso intento, continua.

„ Esta noticia do coro póde servir a mostrar, porque razãõ a
 „ Poesia Dramatica dos antigos differe tanto da dos modernos. Os
 „ antigos raras vezes ufavaõ de soliloquios, porque estando sempre
 „ presente o coro, naõ era provavel, que huma pessoa podesse fal-
 „ lar alto de negocios secretos sem ser ouvido por elle. Alem disto
 „ raras vezes representavaõ huma pessoa morrendo no Theatro,
 „ porque era igualmente impossivel, que tantas pessoas estivessem
 „ presentes, e vissem assassinar hum Principe sem lhe acudir. O co-
 „ ro alem disto obrigava o Poeta a observar a continuidade da acçaõ;
 „ porque se esta houvesse de interromper-se, naõ podia haver razãõ
 „ de imaginar, que o coro, que se ajuntava meramente por causa
 „ disto, continuasse no Theatro. Era isto tambem, o que fazia, que
 „ a unidade do lugar fosse inviolável entre os antigos; porque co-
 „ mo o coro havia de estar no Theatro desde o principio até o fim
 „ da representaçaõ, naõ se podia suppor sem manifesto absurdo,
 „ que passasse da Europa a Asia de Thebas a Athenas &c. Desta sor-
 „ te vemos, que a unidade do tempo, assim como do lugar teve a
 „ sua origem do coro; porque se o Poeta tivesse dado á sua tragedia
 „ a extensaõ de huma semana de hum mez, ou de hum anno, como
 „ poderia elle fazer crer aos espectadores, que tantas pessoas, que
 „ naõ tinhaõ desaparecido nem hum instante, tivessem passado todo
 „ aquelle tempo sem se vêr comer, beber, ou dormir? Daqui se se-
 „ gue, que as unidades, em que tanto insistem os criticos, foraõ ob-
 „ ser-

„ servadas pelos antigos sómente, porque o coro as fazia necessarias;
 „ e que aos modernos se lhes pôde conceder o deixalas, pois o in-
 „ vento de huma variedade de scenas faz desnecessaria a estreita ob-
 „ servancia da unidade do lugar; e os intervallos entre os actos per-
 „ mitem ao Poeta toda a extensão, que lhe parece propria a res-
 „ peito do tempo.

Quando o Author desta obra compára as obras Theatraes das tres naçoens, dá huma descripção concisa da comedia Italiana, que provavelmente será lida com gosto por aquelles leitores, que não conhecem bem esta especie de divertimento Dramatico. Com tudo isto não podemos sujeitar-nos inteiramente a tudo, o que o Author diz em defensão das Operas Italianas, bem que haja alguma verdade nas suas observaçoens. Extrahiremos parte destas, que podem ser objecto de alguma curiosidade ao leitor depois de ter sido censuradas por alguns celebres escriptores tanto de França, como de Inglaterra.

„ As Operas Italianas tem sido tão severamente censuradas,
 „ que parecerá emprêza extravagante pertender fazer-lhe huma a-
 „ pologia. O celebrado Addison, que não obstante o seu grande
 „ credito, de nenhuma sorte era infallivel ou em critica, ou em ou-
 „ tra qualquer materia, parece ter-nos representado a Italia em ge-
 „ ral, e as Operas Italianas em particular por hum modo bem dif-
 „ tante da realidade. O seu livro das viagens a Italia parece ser obra
 „ de hum pedante, cujo entendimento estava tão cheio com alta-
 „ lia antiga, que a moderna escapou á sua observação. Consiste qua-
 „ si todo de citaçoens dos Authores classicos, cujas descripçoens de
 „ promontorios, rios, bosques, e Cidades, estão copiadas no seu li-
 „ vro com grande cuidado, mas quem procurar nelle huma noticia
 „ verdadeira, e justa da politica, costumes, ou literatura de Italia,
 „ achar-se-há enganado inteiramente.

„ Quando Addison abaixa desta sorte os Italianos, que restau-
 „ ração as letras na Europa, e que não são inferiores a outras naço-
 „ ens assim nas artes, como nas sciencias, parece ter seguido o exem-
 „ plo de seu amigo Boileau, que se usarmos de huma expressão des-
 „ te mesmo Poeta estava *tout herissé de Grec, tout bouffi de Latin*.

„ Este mesmo Poeta insultou tambem Tasso hum dos maiores
 „ Poetas, que o mundo tem produzido, naquelle bem conhecido
 „ verso.

„ *Et le clinquant du Tasse à tout l'or de Virgile.*

„ A esta sentença sujeitou-se Addison, dizendo-nos, que pre-
 „ fere hum só verso de Virgilio a todo o ouro pelles de Tasso. Não
 „ contente com derrotar os Authores Italianos, declarou guerra igu-
 „ almente contra a sua musica, que pelo voto unanime da Europa
 „ se julga exceder a de todas as outras naçoens. As suas objecçoens
 „ contra a Opera são triviaes, e commuas, como v. g. o absurdo de
 „ fazer as cousas mais ordinarias por musica, a tendencia da musica
 „ para afeminar os homens, e as extravagancias da representação.

„ A respeito da primeira objecção podiamos dizer, que tam-
 „ bem he contra a tragedia; porque as pessoas do Drama se expref-
 „ são nas occasioens mais commuas em verso solto, e em estilo ele-
 „ vado. Esta objecção parece ser tão frivola, como a que fazem
 „ alguns Inglezes aos tragicos Francezes dizendo, que não há cou-
 „ sa menos natural, do que huma conversação feita em rima. Estes
 „ profundos criticos não tem discernimento bastante para perce-
 „ ber, que o que he adoptado ao genio de huma lingua, he contra-
 „ rio ao genio de outra; e que os versos acabados em consoantes,
 „ que produzem tão máu effeito na tragedia Ingleza, he tão essencia-
 „ l á tragedia Franceza, que não poderia esta subsistir sem ella. A
 „ experiencia nos mostra, que a rima não póde ter bom effeito no
 „ Theatro Inglez, não obstante todos os esforços de Dryden, Lee, e
 „ Otway para a conservar, nem huma tragedia Franceza póde ter
 „ bom successo sem ella, ainda que M. de la Motte escrevesse hum
 „ Oedipo emprosa, e outros Authores pertêdessem introduzir o ver-
 „ so solto. A respeito da segunda objecção, que vem a ser a tenden-
 „ cia da musica para a feminar os Inglezes, e privalos daquelle espi-
 „ rito heroico, que os tem feito tão formidaveis ao resto da Europa,
 „ parece ser hum prejuizo de qualquer Estudante da primeira, lugar
 „ commum bem usual sugerido por hum sabido lugar em Platóo de
 „ republica. A tão fracos discursos parece, que inteiramente se ref-
 „ ponde com as grandes, e gloriosas felicidades da nação Britanica
 „ em hum seculo, em que as Operas tem sido promovidas com a
 „ maior liberalidade, e grandeza.

„ A respeito dos absurdos na representação parece, que são
 „ demasiadamente exageradas por Addison; a zombaria, que faz do
 „ leão

„leão, e pardaes, que ameaçavaõ perigos, e ruinas ao auditorio &c.
 „he inteiramente infipida, e inteiramente falta de verdade, assim
 „como de verdadeira graça. Mas ainda concedendo, que naquelle
 „tempo houvesse alguma extravagancia nas decoraçoens das Ope-
 „ras, he certo, que hoje já não estaõ sujeitas áquella objecção, por-
 „que se fazem com huma decencia igual á sua magnificencia.

„ Tem-se frequentemente dito contra as Operas Italianas,
 „que são obras muito mediocres compostas meramente por amor
 „da musica sem genio, ou exactidão. Não se pôde negar, que há
 „muitas, que não são obras acabadas; mas estas ainda assim não são
 „despreziveis, como as representaõ os antagonistas da Opera Itali-
 „ana. Nas Arias há pensamentos bonitos, que se se podessem tra-
 „duzir adequadamente em verso na nossa lingua, encontrariaõ sem
 „duvida com muitos admiradores, ainda entre aquelles, que estaõ
 „taõ fortemente preocupados contra as Operas.

„ As obras Dramaticas de Metastasio, que são compostas qua-
 „zi á maneira dos antigos Poetas tragicos, e com a mais exacta ob-
 „servancia das unidades, não se pôde negar, que são Poemas de
 „hum merecimento pouco inferior ao das producçoens de Sopho-
 „cles, Eschylo, e Euripedes. Apostolo zeno, que tem composto
 „no mesmo gosto, he na opiniaõ de muitos, o que compete com
 „Metastasio.

„ Em fim a Opera Italiana, quando une ao mesmo tempo as
 „bellezas da Pôezia, a graça da acção, a magnificencia dos vesti-
 „dos, a pompa das decoraçoens, e os encantos da Musica, he cer-
 „tamente o mais exquisito de todos os divertimentos Dramaticos.

Deixaremos este extracto sem outro commento mais, que o de
 observar simplesmente, que como o Author segura ao publico, que
 as suas opinioens não são effeito da amizade, ou da má vontade,
 mas sim dictames de hum juizo imparcial, julgamos, que podia ter-
 se expressado nos lugares sobreditos, como em outros muitos com
 mais moderação em censurar as obras dos Escriptores, e Authores
 de credito estabelecido.

Não podemos deixar de observar, acabando este artigo, que
 concordamos inteiramente com este Author na preferencia, que
 dá ao Theatro Francez, no que pertence aos costumes, e julgamos,
 que a censura, que faz ao Theatro Inglez, he justa, e bem fundada.

Esta preferencia he conhecida por todos aquelles Inglezes de bom gosto, que discorrem, que o patriotismo não se estende a querer arrogar á nação Ingleza a gloria, que todos os criticos e homens de juizo tem concedido a França; mas esta preferencia nam se deve limitar unicamente aos costumes. Qual será o insensivel, que nam sinta e ao mesmo tempo nam admire o sublime de Corneille, o terno e pathetico de Racine, o terrivel de Crebillon &c.&c. que nam só inspiram o terror e apiedade, que sam os fins da Tragedia, mas ao mesmo tempo aquella elevação e nobreza de sentimentos, de que os Espectadores se acham apoderados representando-se qualquer Tragedia destes grandes Poetas? Qualquer comedia, ou ainda qualquer farça ou outra qualquer representação jocoseria dos modernos comicos conservam entre o sal das galantarias huma decencia, e ainda civilidade, que pôde servir de escola á mocidade Franceza e á de toda a Europa. Muratori, que como o commum dos Italianos conhecia pouco o Theatro Francez, serviu-se das criticas, que em França se tinha feito contra Moliere, mas com a infelicidade de censurar as melhores, attribuindo-lhes effeitos contrarios aos que resultam da representação das suas comedias, que tam longe estam de promover os vicios, como elle diz, que pelo contrario os desterra ridiculizando-os. A paixam e preocupação de alguns Inglezes e Italianos nam impede o conhecer-se a superioridade dos Poetas Francezes sobre esta materia, de que falaremos em outra parte.

F I M.